

GF

CORPO FUTURO



EXPERIMENTAL

CORPO FUTURO

Editor-chefe e Curador:
FERNANDO ZUGNO • canardproducoes.com

Editora e Curadora:
CAROL ANCHIETA • @carolanchieta

Publicada pela Canard Produções

Foto de Capa:
KATU MIRIM para Corpo Futuro
com direção artística de ALMA NEGROT
e foto de THAIS VANDANEZI

Colaborações:
ALMA NEGROT E KATU MIRIM, JAIDER ESBELL,
JULIANA NOTARI, RENATA FELINTO, RUBIANE
MAIA, ELIANE BRUM, VALÉRIA BARCELLOS,
MITTI MENDONÇA, ANDERS SANDBERG, N.
KATHERINE HAYLES, EDILAMAR GALVÃO,
EDUARDO BRANCALION E RAFAELA VELLINHO,
CARLOS DONADUZZI, AILTON KRENAK E ANDREIA
DUARTE, VICTOR FREITAS, THIAGO VENTURA,
PEDRO VALENTIM, MAXWELL ALEXANDRE,
JOSEMAR AFROVULTO, FAUSTO VANIN, BIANCA
BIXARTE E MOARA TÜPINAMBÁ

Revisão de Textos:
CLARA CORLEONE

Diagramação e Arte Final:
DÍDI JUCÁ • didijuca.com

Comunicação:
BRUNA PAULIN / Assessoria de Flor em Flor
• brunapaulin.com

Produção:
LETÍCIA VIEIRA / Primeira Fila Produções
• @primeirafilaproducoes

Editora parceira:
Livraria Baleia • livrariabaleia.com.br

Patrocínio:
PMI Foods

Financiamento:
Pró-Cultura RS
Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura

ASSINATURA

CORPO FUTURO é uma revista de arte que surgiu como uma ação a fim de reunir artistas em um único espaço e apaziguar a melancolia pela ausência de programações artísticas em função da pandemia de Covid-19. Para assinaturas e compras avulsas, visite corpofuturo.com

AGRADECIMENTO ESPECIAL

José Anchieta, Rosa Maria Oliveira, Eliezer Santos, Jorge Alberto Zugno, Lenise Zugno, Fabiano Veríssimo, Raquel Kubeo, Galiana Brasil, Luciana Modé, Rafael Gama Figueiredo, Itaú Cultural, Eliane Brum, Agência Riff, Luciano Alabarse, Hannah Vose - Intellectual Property Associate de The University of Chicago Press, Dulce Gomes, Nanni Rios, Guilherme Marques, Gonçalo Amorim, Isabel Ramil, Daniela Ramirez, Adriana Jorgge, Renata Borges e Gabriela Poester.

Impresso em Porto Alegre pela Ideograf
A Corpo Futuro é impressa em Opaline
Diamond Telado 240g (capa) e Off-set 90g
(miolo). 184 páginas.

Distribuída por Canard Produções
contato@canardproducoes.com

Anúncios
contato@canardproducoes.com

©2021/1, todos direitos reservados a
Corpo Futuro. Nenhuma parte desta
publicação pode ser reproduzida,
distribuída ou transmitida de qualquer
forma ou por qualquer meio, incluindo
fotografias ou métodos eletrônicos ou
mecânicos sem permissão prévia por
escrito do editor-chefe, exceto em caso
de breve menção em resenhas críticas ou
outros possíveis usos não comerciais
autorizados pelas leis de direitos
autorais. Para solicitações de permissão,
escreva ao editor chefe com assunto
"Permissão de Uso Corpo Futuro" para
contato@canardproducoes.com

A PRODUÇÃO DESTA OBRA E O CUSTEIO DESTA
TIRAGEM FORAM VIABILIZADOS COM
FINANCIAMENTO DA SECRETARIA DA CULTURA -
PRÓ-CULTURA RS LIC, LEI N.º 13.490/10,
ATRAVÉS DO ICMS QUE VOCÊ PAGA. E
PATROCÍNIO DA EMPRESA PMI FOODS.

Corpo Futuro não é responsável pelos
artigos e obras de seus colaboradores e
colaboradoras. Os direitos autorais das
fotos, artes e artigos publicados
pertencem aos seus autores.

Siga @RevistaCorpoFuturo no Instagram
e @FuturoCorpo no Twitter e Facebook

Visite o site corpofuturo.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C822	Corpo Futuro [recurso impresso e eletrônico] / Fernando Zugno; editor-chefe. Vol. 2, n.1 (2021)- Porto Alegre: Canard Produções, 2021.
180 p. : il. ; 30 cm	ISBN: 978-05-87858-01-2 [recurso impresso]
	A revista em PDF e PDF acessível pode ser adquirida gratuitamente pelo site: https://www.corpofuturo.com/
	Descrição baseada em Vol. 1, n.1 (2020)
1. Artes Cênicas. 2. Acessibilidade. 3. Arte. 4. Artes visuais. I. Zugno, Fernando II. Título.	
	791(816.5)

Bibliotecário responsável: Filipe Xerxeski da Silveira - CRB-10/1497

SUMÁRIO

- 06 Futuro possível, Fernando Zugno
- 08 Toma a tua posição, Carol Anchieta
- 10 O Caminho da Diva, Juliana Notari
- 30 A vagina que salvou o Réveillon do Brasil, Eliane Brum
- 36 Relato de vivência com uma tribo Maasai, Pandora on the Road
- 50 Aqui e lá, Carlos Donaduzzi
- 52 Um vírus pós-humano, N. Katherine Hayles
- 54 Aqui e lá, Carlos Donaduzzi
- 56 A fábula da consciência, Edilamar Galvão
- 62 Cores e fé, fotos de Josemar Afrovulto
- 71 Texto e poemas de Valéria Barcellos
- 74 Makunaima, o meu avô em mim!, Jaider Esbell
- 86 Texturas que moram em mim, Mitti Mendonça
- 92 Tempo de suspensão, Maxwell Alexandre
- 94 Memórias da travessia, Victor de Freitas da Silva
- 104 AMOR-Tecimento, Renata Felinto
- 112 Vivendo de amor, Bell Hooks
- 120 Dissoluções, Rubiane Maia
- 124 Katu Mirim por Alma Negrot
- 130 Dramaturgia de O silêncio do mundo, Ailton Krenak e Andreia Duarte
- 142 Processo de O silêncio do mundo, Andreia Duarte
- 146 Corpo futuro ou presente?, Bianca Bixarte
- 150 Ubuntu 2.0, Fausto Vanin
- 154 Mais artificial do que o céu lá fora, Carlos Donaduzzi
- 157 Possibilidades pós-humanas e pós-naturais, Anders Sandberg
- 166 I am stand up Comedian, Thiago Ventura
- 170 O que acontece ali?, Pedro Valentim
- 176 Artes de Moara Túpinambá

O SILÊNCIO DO MUNDO

DRAMATURGIA DO EXPERIMENTO CÊNICO DE AILTON KRENAK E ANDREIA DUARTE

CENA 1 – A FLORESTA

No chão do proscênio, o livro “A queda do céu, palavras de um xamã yanomami”, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, está aberto na página 329.

*No fundo do palco um cicloroma.
Uma cadeira à frente e na esquerda do público.
No alto, um céu pendurado.
Luz no proscênio.*

Andreia Duarte e Ailton Krenak entram e se posicionam à frente.

Andreia:
Boa noite. Nós estamos aqui porque vamos apresentar um experimento cênico, que produzimos durante uma semana em imersão no Festival Porto Alegre Em Cena. Convidamos o nosso querido Xori Davi Kopenawa para estar conosco, mas infelizmente, como o seu sogro faleceu, ele teve de submeter-se a um longo período de luto e reclusão. Agradecemos a presença de cada um de vocês e que possamos juntos fazer parte desse acontecimento. Obrigada.

Ailton senta na cadeira. Andreia vai à frente e pega o livro. As luzes se apagam. Um foco vertical abre sobre Andreia com o livro na mão.

Andreia lê:
“Meu sogro não viajou tão longe quanto eu na terra dos brancos. No entanto, é um xamã antigo e seus espíritos já conhecem todas essas coisas. Quando conto a ele minhas viagens, declara apenas: você diz palavras verdadeiras! O

pensamento dos brancos é cheio de ignorância. Eles não param de devastar a terra em que vivem e de transformar as águas que bebem em lodaçal. Foi ele quem me deu sabedoria, me propiciando contemplar o que os xapiri veem. Costumava a me chamar e dizer: “venha cá! Vou alargar seu pensamento. Você não deve envelhecer sem se tornar um verdadeiro homem espírito. Senão jamais poderá ver a imagem da floresta com os olhos dos xapiri”¹. Então, eu me agachava e bebia yakoana² com ele durante um longo tempo. Aos poucos, meus olhos morriam sob a potência de seu pó. Era assim que, depois de eu ter virado fantasma, os espíritos de meu sogro me carregavam até o peito do céu. Voavam em alta velocidade com minha imagem e meu sopro vital. Minha pele permanecia no chão da casa, enquanto meu interior atravessava as alturas.”

*Andreia sai do palco com o livro em suas mãos.
Todas as luzes do teatro apagam em blackout.*

*Vagarosamente uma sonoridade vai entrando e ocupando todos espaços do teatro. Sons minimalistas vão desenhando a intimidade da floresta, o vento batendo nas folhas, os animais caminhando, o rio descendo, os pássaros comunicando. O ambiente sem luz é tomado durante 3 minutos pelo som da floresta.
Conforme o som vai diminuindo, vai aparecendo no fundo a imagem da floresta Yanomami. Um foco de luz abre sobre Ailton Krenak que está sentado na cadeira.*

¹ Os xapiris são seres espirituais de grande complexidade e diversidade que vivem na floresta. Estão totalmente conectados com os xamãs Yanomami que agem para proteger o mundo contra seus males e as epidemias que atingem os humanos. Para saber mais sobre os xapiris, ver: KOPENAWA; ALBERT, 2015.

² Yakoana é uma substância ritualística usada pelos xamãs Yanomami, que consiste em um pó feito de cascas de árvores secas e pulverizadas. Ao ser inalado, inicia o indígena no conhecimento xamânico de seu povo. Para saber mais sobre yakoana, ver: KOPENAWA; ALBERT, 2015.



FRAMES DA FILMAGEM DA FOTOGRAFIA DE CLAUDIA ANDUJAR POR ISABEL RAMIL

CENA 2 – O TEMPO DO MITO

Da coxia, Andreia pergunta:

AILTON, O QUE É O TEMPO DO MITO?

Ailton:

Nós precisamos ser capazes de tentar uma memória continuada de quem nós somos. No caso dos povos indígenas a memória continuada tem que visitar um lugar que insistem em chamar de mito, porque querem esvaziar ela de sentido histórico e, portanto, chamam de mito. Acontece que todas as narrativas míticas anunciam coisas que nós vivemos, reconhecidas como história. Outro dia eu estava me perguntando, que lugar é esse que o mito informa para vocês? Como um pensamento se apoia nesse lugar da narrativa do mito para ele pensar e interagir com o mundo? O que me ocorreu foi dizer que no tempo do mito a gente ainda não tinha a angústia da certeza. Parece um debate filosófico, né? O tempo do mito é quando você ainda não tem angústia da certeza. Você não precisa ter certeza; o mito é uma possibilidade, não uma garantia. Não tem uma garantia de duração, de tempo; ele é mágico. Ele inaugura, abre uma porta para você atravessar e sair no mundo, interagir e se realizar no mundo. E sempre, obrigatoriamente, é uma experiência coletiva. Não é o sujeito, não é o *self made*. Não tem *self made* nessa história. As pessoas pertencem a coletivos, suas histórias são de profunda interação com uma constelação de gente que na base mesmo, costuma estar a sua herança cultural, seus avós, seus ancestrais. Independente de qual culto eles sigam, na base da mentalidade, do modo de se colocar no mundo estão as memórias mais antigas e ancestrais.

Então, essas memórias antigas nos ajudam a pensar na possibilidade de mundos que sejam intercambiáveis, que possam se alternar em diferentes espaços e lugares, se não as fronteiras vão continuar sendo a marca mais brutal, mais anti-humana. Precisamos vazar essas fronteiras, feito uma peneira, para podermos transitar entre esses mundos. Essa passagem do tempo em que não havia angústia da certeza deve se referir ao instante imediatamente anterior à linha que divide os povos que têm história e os que passariam a ter mito. O Olimpo, por exemplo, aquele monte Olimpo que fica ali em torno de Atenas, que sobe e encosta lá no mar Egeu e sai se espalhando por ali, aquele monte que hoje é ocupado por oliveiras, que é uma colina cheia de pedras, deixou de ser o lugar de deuses, deixou o seu lugar de trânsito de divindades e foi simplificado como uma paisagem que pode ser alterada. Ele deixa de ser um lugar sagrado, um lugar com essa potência criadora e transformadora que foi percebida antes como o Olimpo, o lugar onde os seres de poder transitavam entre humanos, a ponto de estabelecer relações com os humanos, de ter filhos, de ter consanguinidade com os humanos.

Quando acaba essa possibilidade, aquela gente empobrece a sua visão. Eu vou usar uma expressão que pode não ser a melhor agora, mas eles perdem a sua visão, a sua cosmovisão, eles abandonam uma cosmovisão e passam a perseguir agora uma ideia. Uma ideia de pólis, de cidade, de sociedade, uma ideia de civilização que começa a viver a angústia de ter certeza de alguma coisa. De ter certeza de que vão poder controlar aquele lugar onde estão vivendo, aquela paisagem, que vão conseguir através do conhecimento, da ciência, da experimentação, controlar a passagem do tempo, as mudanças dos ciclos do plantio e da colheita, até chegar a esse extremo que nós experimentamos hoje, no qual não dependemos mais do humor da Terra para a nossa produção, tanto da nossa produção material quanto da nossa produção de ideias.

Enquanto Krenak fala, no fundo do palco vai aparecendo uma comunidade de caranguejos.

Os humanos seguem produzindo, em algum sentido, independentemente do humor desse imenso Olimpo que é o planeta onde vivemos. Mas nós compartilhamos uma grande

canao – eu insisto nessa imagem, na qual a qualidade do ambiente não é mais uma preocupação da maioria da tripulação, porque os artificios que foram acessados, as técnicas, a ciência, os recursos, a tecnologia, isso que nós chamamos de tecnologia, que foi acessada pelos humanos, rompe aquela relação de lugar sagrado da Terra, que o Olimpo teve um dia e que outros lugares continuaram a ter mais tarde. Seus habitantes romperam com a ideia de que aqueles lugares eram sagrados e passaram também a tratar aqueles lugares como recurso. Recurso disponível para o humano moldar, manipular. E essa compreensão crescente de que o mito é uma categoria de conhecimento de povos que não têm história, que não têm pólis, que não têm política, que não pensam a complexidade das relações no mundo que nós compartilhamos, é uma grave herança segregacionista daquele pensamento que teve origem lá nos gregos.

Eu fui com o Davi Kopenawa Yanomami a Atenas. E o Consulado do Brasil em Atenas pôs uma pessoa para nos acompanhar em visita à Acrópole, ao Arco de Adriano, ao Templo de Zeus. Fomos visitar esses lugares. Quando chegamos lá perto do mar Egeu, numa ruína, com aquelas colunas quebradas, com pedra caída para todo lado, restos de antigos templos tombados no chão e um mar lindo à nossa vista, em um dia de luz bonita e sol, paramos ali e a nossa acompanhante do consulado brasileiro ficou junto com a gente contemplando a paisagem. Então ela perguntou para mim e para o Davi: “O que vocês acharam deste lugar? Vocês gostaram do passeio?”. Eu fiquei num vazio, assim, pensando no que eu ia responder. O Davi me antecipou um pouquinho e disse: “Eu gostei de vir aqui, porque agora eu sei de onde saíram os garimpeiros que vão destruir a minha floresta, fuçar a minha floresta como se ela fosse pó. O pensamento deles está aqui. Eles fizeram isso aqui e foram fazer o mesmo lá onde eu vivo. Eles reviram a terra, eles quebram tudo”.

Essa imagem, essa tradução que o pajé yanomami fez da nossa visita àquele lugar de ruínas na Grécia, é de uma completa compreensão daquele tempo mítico em que os antigos gregos viveram, quando o Olimpo era um lugar de trânsito de seres divinos, bem como da passagem daquele lugar para um lugar histórico, onde você faz monumentos, constrói templos, constrói cidades e faz guerras. É a transição do tempo do mito – tempo em que é possível tudo, em que é possível que os mundos se intercambiem – para um mundo chapado, com uma história linear.

Não tem uma régua para você contar o tempo nas narrativas cósmicas ou cosmogônicas que os nossos ancestrais experimentaram e que alguns de nós herdaram deles por boa audição, porque, se fôssemos surdos, também estaríamos com uma régua contando tempo. Nessa condição, tudo o que nós imaginamos que é compartilhado como “o mundo”, segundo o que nós vivemos, ainda estava por existir. É como se fosse antes do Tempo. Quando não estávamos ainda movidos na imensa movimentação de ideias, de recursos, de meios, para medir o tempo. Ainda não experimentávamos o sentimento interior de angústia em relação ao amanhã. O amanhã diz respeito à nossa ideia de tempo, tempo prospectivo, esse tempo que seria como uma flecha sempre em direção a alguma coisa que nós aprendemos a pensar como o futuro.

No mito, o tempo é uma espiral, não é uma flecha. O lugar que o nosso pensamento pode experimentar um estado de suspensão, como na meditação, por exemplo. Quando alguém consegue parar a mente e fazer um exercício de meditação, essa pessoa pode visitar aquele lugar de antes da angústia da nossa certeza sobre o amanhã. Eu me encontro com você hoje e nós marcamos um novo encontro amanhã. Nós fazemos esse acordo sobre o tempo com uma arrogância e com uma pretensão de que nós temos certeza que amanhã estaremos aqui ou vamos estar vivos para cumprir esse programa. Na verdade, quando nós nos despedimos e dizemos para alguém “até amanhã”, nós estamos investindo nessa incerteza viva que nós somos. Nós acreditamos que há amanhã. Mas nós não



FRAMES DO VÍDEO DE ISABEL RAMIL

podemos abusar dessa ideia do amanhã como viemos fazendo nos últimos 200 anos onde alguém conseguiu tornar um mantra a expressão “tempo é dinheiro”. Seria talvez uma medida de tempo, dinheiro, assim como outras coisas poderiam ser tomadas como medidas do tempo. Quem está passando agora, é o tempo?

Ailton continua falando e Andreia vai entrando no fundo do palco, caminhando devagar e paralela à tela. Olha a comunidade de caranguejos, o seu corpo vai se misturando com o da imagem, integrando àquela comunidade.

O tempo do mito me dá a oportunidade de convocar essas outras visões de mundo, que implicam também em outras experiências de tempo. Eu busquei a imagem daquelas pessoas que têm a prática da meditação para que pudéssemos ter pelo menos um exemplo de exercício possível para alguém experimentar, sair desta contagem do tempo dinheiro, do tempo compromisso e experimentar o seu tempo interior. Esse tempo nos libera da incessante reafirmação que nós buscamos de ter certeza sobre o amanhã. O amanhã pode ser um presente que virá de encontro à nossa perseverança, à nossa paciência com o dia que nós vivemos hoje, que é o presente de agora, que é o sentido da palavra “presente”. Quando nós pensamos passado, futuro, nós estamos pensando sobre o que não existe mais ou o que não existe ainda. Viver a incerteza viva, é a melhor dança, talvez, que a gente possa fazer com a experiência de compartilhar a vida com uma constelação de outros seres que não contam o tempo como nós, os humanos. Nós podemos convocar um tipo de humanidade que interpela os outros seres também sobre a vida, a existência. Uma árvore, quando está adulta, ela pode estar com 80, mas ela pode estar também com 200 anos, algumas sequoias chegam a 600, 800 anos, uma peroba rosa, um carvalho – isso para ficar nas árvores. E as montanhas, qual a idade das montanhas?

Nós contamos o tempo muito mais mobilizados pela nossa angústia do que pela nossa incerteza. Talvez você possa experimentar, também, habitar um tempo que é anterior à essa angústia comum a todos nós, no tempo que nós vivemos no mundo hoje, diante de tantas ameaças e de tantas violências, o nosso ser fica instigado a buscar certezas. Mas nós podemos habitar numa boa a experiência da incerteza viva, porque nós ressaltamos o sentido da vida: que não há garantia da vida. O amanhã – ele não está à venda. Acho que esse é um convite para pensarmos sobre viver o dia de hoje, viver com tudo, a experiência de cada dia com o sentido renovado de um presente, não de uma prospecção no tempo. Mas este presente que te possibilita como um dado interior de estar no mundo da melhor maneira aqui e agora.

CENA 3 – PÁSSARO MULHER

Um corredor de luz abre onde Andreia caminha. Ela fala:

A oportunidade de morar em uma comunidade indígena deslocou para mim uma autonomia maior sobre o tempo e que era possível ver no cotidiano. Nas coisas da vida. Lembro dos momentos em que eu ia pescar no fim da tarde. Isso nos dias de semana, como uma terça-feira. Eu sempre pensava que enquanto eu estava ali, dentro de uma canoa no meio daquela lagoa enorme, esperando o tempo do peixe; as pessoas, meus amigos, família, estavam todos, naquele momento, cumprindo os seus horários, trabalhando oito horas por dia na cidade, com hora para acordar, para comer, para sair, para tudo. Era um privilégio poder parar quando eu não queria fazer nada. Apesar que eu sempre estava inventando alguma coisa.

Naquele lugar eu sentia transportada para outra dimensão, por exemplo quando em toda noite eu era acordada com alguém perguntando: “po ne wa’up?” “Você sonhou?” Isso porque os Kamayura acordam na madrugada para saber o que as pessoas estavam sonhando. E no outro dia, de manhã bem cedo, também perguntam qual foi o nosso sonho. Se você sonhou alguma coisa, se você sonhou com alguma onça, então a pessoa vai ter que ficar em casa, não é para ir para outro lugar. Também tem o sonho que traz alguma coisa boa, que você fica feliz sabendo que aquele sonho veio para você.

Então, não é uma coisa distante, mas algo que faz parte da vida. E não tem a ver com essa prioridade sobre a economia, sobre esse desenvolvimento, na verdade está em uma vida que vai sendo transportada para outros lugares, se conectando, dançando, cantando, nadando, ouvindo histórias. Aquele tanto de criança livre. Tem a ver com isso.

Talvez seja com essa força que em todos os dias, a tatuagem marcada na minha pele vai provocando o fundamento que não posso esquecer de onde eu vim, nem a noção de que os percursos que passei aprofundam as escolhas que faço. Vejo esse símbolo, né? Uma linguagem cheia de sentidos que vem borrando qualquer exclusivismo no meu ser, riscando o meu corpo que – se não é indígena racialmente, etnicamente, socialmente e nem sobre o olhar do outro – vem inventando para si a essência de permanecer indígena no mundo, também pássaro, também mulher.

CENA 4 – CANTAR E DANÇAR PARA SUSPENDER O CÉU

Ailton e Andreia vão para o centro do palco. Se colocam ombro a ombro, um ao lado do outro. Inspiram e expiram. Inspiram e expiram. Começam a dançar em círculo, cantando:

Ehe ehe ehe, porã etê

Ehe ehe ehe, porã etê

Ehe ehe ehe, porã

Ehe ehe ehe, porã etê

Ehe ehe ehe, porã etê

Ehe ehe ehe, porã

Ehe ehe ehe, porã etê

Ehe ehe ehe, porã etê

Ehe ehe ehe, porã

Inspiram e expiram. Inspiram e expiram.

CENA 5 – OS BRANCOS SÃO MUITOS?

Os dois caminham em direção ao proscênio.

Krenak começa a contar a história:

Na segunda vez em que eu fui visitar os Yanomami na floresta, um deles me perguntou:

Andreia:

Ailton, é verdade que os brancos são muitos?

Krenak:

Aí eu pensei, como que eu vou responder um negócio desse?

E respondi: são, eles são muitos. Então ele me perguntou:

Andreia:

Mas, eles são muitos quantos?

Krenak:

Eu respondi assim, como a areia, como as estrelas do céu, os brancos são tantos assim. No outro dia o meu amigo veio chegando.

Andreia:

Se eles são muitos, como que eles fazem para comer?

Krenak:

É um pensamento maravilhoso esse, se eles são muitos, o que eles comem. Daí eu falei: eles comem tudo, pau, folha, pedra, terra, eles comem tudo. Meu amigo foi embora e no outro dia fez mais uma pergunta.

Andreia:

E onde é que eles jogam todo o lixo deles?

Krenak:

Eles jogam no mundo, eu respondi. No mundo inteiro. Então ele me perguntou.

Andreia e Krenak:

E eles estão vindo para cá?

CENA 6 – CHAMAMENTO

Andreia sai de cena e Krenak senta no chão, olhando a tela.

Começa a projeção de fotos e vídeos das “Greves do Clima” realizadas em 2019 por adolescentes e ativistas de todo mundo, quando a jovem Greta Thunberg passa a ser considerada uma liderança que chama atenção dos representantes mundiais sobre a crise climática do planeta.

Há um jogo imagético de transição para um fragmento do vídeo do líder Ailton Krenak discursando em defesa dos Direitos dos Povos Indígenas na Assembleia Nacional Constituinte de 1987, quando pintou seu rosto de preto em manifestação de luto. Fala de Ailton Krenak no vídeo:

(...) Os srs sabem, V. Exas. Sabem que o povo indígena está muito distante de poder influenciar a maneira que estão sugerindo os destinos do Brasil. Pelo contrário. Somos talvez a parcela mais frágil nesse processo de luta de interesse que se tem manifestado extremamente brutal, extremamente desrespeitosa, extremamente aética.

O povo indígena tem um jeito de pensar, tem um jeito de viver, tem condições fundamentais para a sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura, que não coloca em risco e nunca colocou em risco a existência, sequer dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos. Creio que nenhum dos srs. poderia jamais apontar atos, atitudes da gente indígena do Brasil que colocaram em risco, seja a vida, seja o patrimônio de qualquer pessoa, de qualquer grupo humano neste país.

Hoje somos alvo de uma agressão que pretende atingir, na essência, a nossa fé, a nossa confiança. Ainda existe dignidade, ainda é possível construir uma sociedade que saiba respeitar os mais fracos, que saiba respeitar aqueles que não têm dinheiro, mas mesmo assim, mantém uma campanha incessante de difamação. Um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas, um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser de forma nenhuma contra os interesses do Brasil ou que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos 8 milhões de quilômetros do Brasil. V.E. são testemunhas disso.

Agradeço à presidência, aos srs. Constituintes, espero não ter agredido com as minhas palavras os sentimentos dos presentes neste plenário. Obrigado. (Palmas prolongadas)

SEXTA-FEIRA
20.SET.2019
GREVE MUNDIAL
PELO CLIMA
GLOBAL CLIMATE STRIKE
MOVILIZACION MUNDIAL POR EL CLIMA
GREVE MONDIALE POUR LE CLIMAT
グローバル気候マーチ

SEXTA-FEIRA
20.SET.2019
GREVE MUNDIAL
PELO CLIMA
GLOBAL CLIMATE STRIKE
MOVILIZACION MUNDIAL POR EL CLIMA
GREVE MONDIALE POUR LE CLIMAT
グローバル気候マーチ



FRAMES DE VIDEO ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE 1987 POR ISABEL RAMIL

AINDA É POSSÍVEL UMA MEDIAÇÃO?

CENA 7 – AINDA É POSSÍVEL UMA MEDIAÇÃO?

Andreia entra no palco, conversando com Ailton:
Mas se a individuação separa o mundo dos humanos, da montanha, da chuva, do sol, do ar, da terra, e cria uma sociedade que não permite a existência de outras formas de vida; eu fico perguntando: ainda é possível algum tipo de mediação? Ainda existe quem possa fazer essa mediação?

Ailton continua sentado no chão.

Andreia pega a cadeira na esquerda do palco e leva à direita. O palco vai escurecendo, enquanto um foco de luz abre sobre ela que está sentada na cadeira. Entra um som de chuva.

Ela sente a chuva com as suas mãos.

Andreia levanta da cadeira caminha no palco. Para, sente a chuva no corpo.

Vagarosamente vão abrindo feixes de uma luz transversal. As luzes começam a iluminar o palco e o som da chuva aumenta.

Andreia move em direção ao chão. Para com as pernas estiradas e sente a chuva.

Andreia movimentada o seu corpo e encontra Ailton Krenak estirado no chão.

Ela deita ao lado dele.

Eles sentem a chuva.

Ailton levanta. Canta e dança sozinho para o trovão.

Na tela do fundo aparece a pergunta:

AINDA É POSSÍVEL UMA MEDIAÇÃO?

Ailton caminha e senta na cadeira que está no palco, à direita do público.

Andreia senta do seu lado, no chão.

Ailton começa a sua fala:

A nossa aldeia Krenak fica na margem esquerda do Watu de onde podemos observar, na margem direita, uma serra rochosa que tem o nome de Takrukak. É uma serra de pontas viradas para o céu, pontas de pedras, como lanças apontando para o espaço. Meu pai, meu avô, meus primos, olham aquela montanha como se fosse nossa mãe, como se fosse nossa avó, fazem cerimônia para ela, cantam para a montanha, cantam para o rio. Olham para o outro lado do rio e observam o seu humor, se ela está triste, feliz ou ameaçadora, se tem nuvem em cima dela, se vai chover ou se amanheceu com o céu limpinho e está toda bonita, brilhando. É assim que o pessoal lá da nossa casa fica sempre parecido com o humor da montanha, com o humor do nosso avô que é o Watu e parecido com o humor de todas as serras, das montanhas, dos rios que cercam a aldeia. Também, quando nós acampamos no mato, ficamos esperando o vento nas folhas das árvores para ver se ele ensina uma cantiga nova, um canto cerimonial novo, se ele ensina e a pessoa ouve. Se ela ouvir, repete muitas vezes esse canto até aprender e depois mostra o canto para os seus parentes, para ver se ele é reconhecido, se é verdadeiro. Se for verdadeiro ele passa a fazer parte do acervo dos nossos cantos.

Por essa razão que eu falo do lugar em que a memória busca o fundamento, informando o nosso conhecimento universal que é vivido no cotidiano de nossas comunidades. É muito bom quando os Krenak podem se recolher no Taruandé que é um movimento que o céu faz de aproximação com a Terra. No Taruandé os meninos que ainda estão engatinhando, os homens, as mulheres, os mais velhos cantam e dançam juntos, como uma brincadeira de roda. Repetindo frases na sua língua materna que diz: “o meu avô montanha, você é meu avô e o rio”, “você é peixe pra eu comer”, “você me dá remédio para a minha saúde”, “você esclarece minha mente e meu espírito”, então, “o vento, o fogo, o sol, a lua”. Ficam repetindo essas frases na sua língua ancestral, batendo o pé no chão, tocando maracá, acendendo fogo, pulando na água fria, buscando saúde, fazendo terapia muito especial e afirmando a sua própria identidade.

Tudo isso também diz respeito às coisas efêmeras que o vento leva, que a chuva leva e as casas, os objetos, os ornamentos. Os adornos que nós usamos em cada ocasião, eles não são só pra enfeitar a gente, eles são pra nos tornar mais parecidos possível com o espectro dos nossos ancestrais, que estão em volta da gente, dançando. É para os imitarmos, então procuramos usar signos para que os nossos ancestrais se sintam animados a ficar perto da gente, porque nós estamos parecidos com eles. Para que eles pensem: “ah, meus netos estão gostando de mim, estão parecidos comigo.” Esse é um pensamento indígena sobre a própria origem, sobre sua linhagem espiritual que é determinante para viverem qualquer coisa. Para se relacionarem com os brasileiros, com os portugueses, com os mineiros, com os capixabas, com os japoneses, com o alemão, com todas as pessoas no mundo. A identidade que o meu povo carrega até hoje, mesmo depois de ter enfrentado tanta hostilidade, não cortou a ligação que temos com a nossa memória, com esse rio de memória ancestral que alimenta a nossa existência nos campos. É da vida familiar, material, é aquilo que sustenta a gente. No sentido de ser transcendente, de tudo que excede as nossas necessidades de ter uma terra, de ter comida, de sobreviver com segurança física ligada a esses vínculos.

Eu sou de uma geração que cresceu falando português, falando a língua regional dos nossos vizinhos mineiros que vivem no entorno do nosso rio, lá no Rio Doce, uma área que foi colonizada desde a década de 20, no século passado e que já tem mais de cem anos de colonização intensiva. Como aconteceu aqui no Rio Grande do Sul que os territórios vizinhos às terras indígenas Kaingang e Mbyá-Guarani foram ocupados. É uma presença tão próxima, um assédio tão intenso da cultura regional que acaba por abafar a expressão dessas línguas locais, e devagarzinho vai erodindo a cultura desses pequenos grupos até o ponto de eles se integrarem na vida regional sem nenhuma particularidade. Onde os conhecimentos tradicionais sofrem uma erosão tão grave que nós em pouco tempo nos tornamos uma comunidade de iguais. Iguais no sentido de empobrecimento; quem dera que fôssemos iguais no sentido de compartilhar o que nós temos de melhor. Mas essa igualdade é uma igualdade com sinal de menos. A gente fica cada vez mais igual e cada vez mais pobres do ponto de vista cultural, do ponto de vista da diversidade, do conhecimento sobre os ecossistemas em que nós vivemos, da capacidade de interagir com os lugares em que nós vivemos e precisamos viver, com o lugar de onde nós tiramos água para beber, tiramos comida, tiramos tudo que a gente precisa para fazer nossos abrigos, para nos sentir bem, para nos sentir confortáveis. Então nós vamos devagarzinho, fazendo desaparecer as paisagens em torno dos lugares onde nós vivemos, que é um espelho do outro desaparecimento, interior, que nos expomos a ele, e às vezes, contribuimos para ele, que é a erosão cultural, né? É a perda de conhecimentos próprios sobre nossos habitats, sobre nossas comunidades. No caso não só de comunidade humana, mas as comunidades em que nós constituímos, como culturas e os ambientes que nós experimentamos.



AINDA É POSSÍVEL UMA MEDIAÇÃO – PINTURA DE UM ESCUDO DE AILTON KRENAK – MONTAGEM DE ISABEL RAMIL

É por isso que o que eu valorizo é a possibilidade de ter famílias que olham para si mesmas, que não sintam vergonha de ser quem são, não tenham vergonha de morar em casa de chão batido, não sintam vergonha de cozinhar num fogareiro de cupinzeiro, em cima de pedra; não tenham vergonha de comer carne moqueada, comer peixe moqueado assado na pedra, comer batata e mandioca tiradas de baixo das cinzas; não tenham vergonha de fazer isso. Acho que esse fazer é um jeito de continuar sendo Krenak. Os árabes, os judeus, os japoneses também batem tambor, comem de palitinho. É um jeito de eles continuarem sendo árabes, judeus, japoneses. Por que a gente não pode continuar sendo como somos e em qualquer lugar? Essas pessoas têm que ter o direito de continuar ensinando para seus filhos os valores que até hoje eles trouxeram vivos consigo.

Mas também para trazer essa experiência magnífica que é quando essas coletividades se unem com suas visões para cantar e dançar para suspender o céu. Isso significa ampliar o nosso horizonte no sentido existencial, não é apenas uma projeção de algo, de um desejo. Mas uma ideia de contribuir com quem nós somos, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, também existe uma por consumir as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com liberdade que somos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos pelo menos ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões e nossas poéticas sobre toda a vida. Definitivamente não somos iguais e é maravilhoso perceber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço não significa que somos iguais, mas significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com a mesma etiqueta e que até agora vem sendo uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. Por isso é importante sabermos sobre essas comunidades que ainda existem em todo o mundo, quando o céu está fazendo uma pressão muito grande sobre o planeta é essa parte de humanos que vão estar cantando e dançando. Se não fizerem isso, a pressão fica demais sobre nossa cabeça e ficamos sem saída. Eu não aceito o xeque-mate, fim do mundo ou fim da história. Nos momentos mais difíceis para mim é quando eu mais evoco esse pensamento: cantar, dançar e suspender o céu.

CENA 8 – CANTAR E DANÇAR PARA SUSPENDER O CÉU

Ailton e Andreia vão para o centro do palco. Se colocam um ao lado do outro. Inspiram e expiram. Inspiram e expiram. Começam a dançar em círculo cantando:

Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã

Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã

Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã”

“Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã

Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã

Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã etê
Ehe ehe ehe, porã

FIM

★



FRAME DA FILMAGEM DA CHUVA POR ISABEL RAMIL

A EFEMERIDADE DE *O Silêncio do Mundo*

TEXTO DE ANDREIA DUARTE SOBRE O PROCESSO CRIATIVO

No ano de 2018, convidei os líderes indígenas Ailton Krenak e Davi Kopenawa para criarem ao meu lado e em co-autoria o experimento cênico *O Silêncio do Mundo*. A idealização da cena veio de uma pesquisa artística expandida sobre como realizar o cruzamento entre o teatro e o mundo indígena. Vale dizer que Ailton Krenak é um dos intelectuais e líder emblemático mais importantes do Brasil que traz um profundo questionamento sobre a perspectiva antropocêntrica – enquanto uma consideração exclusivista que insere o homem no centro do mundo. E que o seu pensamento atravessa diversos campos que tratam da existência humana, da sociedade, do conhecimento e da prática artística. Com a mesma importância, Davi Kopenawa é considerado um dos principais líderes e xamãs Yanomami, foi um dos responsáveis pela demarcação da Terra Indígena Yanomami e é conhecido mundialmente por sua luta incansável pela sobrevivência da floresta Amazônica. Então, quando faço o movimento de instigar dois dos mais importantes líderes indígenas do Brasil para adentrar no espaço da arte cênica, procuro fazer a partir de alguns fundamentos que estão em uma discussão ampliada e através de uma relação profunda que venho construindo há mais de 20 anos com parceiros e amigos do povo originário.

Os nossos encontros foram construídos nos momentos em que Ailton e Davi vinham para São Paulo como convidados de alguma instituição para participar de eventos. Nesses momentos eu aproveitava para ouvir suas oralidades, refletir e aprender sobre os seus pensamentos, bem como, abrir espaço para nos conhecermos melhor criando oportunidade de troca. A verdade é que

seria muito difícil conseguir um diálogo tão contínuo se eu estivesse morando em outro lugar que não São Paulo – que por ser um grande centro econômico e do mercado cultural artístico brasileiro, proporciona frequentemente a vinda de representantes indígenas para a cidade. Mas também, pelo tamanho do Brasil que vai implicar em uma dificuldade para realizar viagens e pelo fato que cada um destes líderes moram em lados opostos do território brasileiro: Krenak habita a Terra Indígena Krenak no estado de Minas Gerais que fica no Sudeste e Davi Kopenawa mora na Terra Indígena Yanomami que ocupa os estados do Amazonas e Roraima, na região Norte.

O que aconteceu foi que a experiência de observar e escutar as palestras desses líderes, abriu a percepção sobre como expressam a sua intelectualidade e origem avançando o lugar da fala em direção a outras expressões do corpo. Lembro que no meio de uma fala e após ter contado sobre todo o processo colonial que culminou na morte do Rio Doce¹, Ailton Krenak parou, retirou um maracá de dentro da sua bolsa e começou a cantar e dançar. Quando ele terminou, olhou para a plateia e disse: “essas coisas me deixam tão chateado, tão chocado, que preciso parar e cantar”. Aquele ato tão simples e inesperado provocou em mim um estado de suspensão. Foi como se Krenak tivesse obrigado a todos que estavam ali, parar e respirar, ao mesmo tempo em que nos ensinava a não permanecer no diálogo da violência. Mas aceitar que existem outras maneiras que nos ajudam a comunicar e a criar formas de bem-estar no meio de tantas dificuldades.

Algo semelhante aconteceu logo no início de uma fala do Kopenawa, quando ele sentou na cadeira, olhou para o seu público e começou a falar em Yanomami durante aproximadamente quinze minutos. Foi tão interessante estar naquela situação, primeiro porque aquilo gerava um desconforto para a plateia que estava ali para ouvir sua fala, mas não estava entendendo nada do que dizia o palestrante visto que não havia tradução. Por um lado, aquela atitude mostrava a inteireza daquele líder comunicando com o gesto e fala vindos da língua própria. Como simultaneamente levantava um tensionamento que me fez pensar na imposição da colonialidade sobre o valor da língua oficial portuguesa. Sabendo que estamos dentro de um país que foi construído sobre a diversidade de povos indígenas que falam até hoje línguas próprias e que muitas dessas culturas vivas e singulares ainda sofrem um apagamento na formação da sociedade brasileira. Davi construiu naquele lugar e para o público, a sensação que ele e os povos originários sofrem quando são obrigados a falar outra língua para construírem relações fora da aldeia que possam contribuir com o seu viver.

Havia um deslocamento de sentido nas atitudes dos líderes Ailton Krenak e Davi Kopenawa que, sob o meu olhar, reverberava em uma presença expandida. No momento em que eu os acompanhava, fui percebendo que os dois líderes realizavam ações que mostravam os seus pensamentos, continham a estética originária da própria cultura, bem como, traziam significados políticos que envolve o contexto social em que pertencem. Krenak cantou a dor da morte do rio Doce provocada pelo desenvolvimento capitalista

desenfreado. Davi em sua fala na língua originária mostrava a presença viva dos Yanomami, frente a tantas ameaças que vão contra a sobrevivência do seu povo.

Também, acho relevante lembrar que nesse mesmo período em que eu estava ao lado desses líderes, ouvindo as suas falas e observando as suas militâncias, Ailton Krenak e eu começávamos a criar a mostra artística TePI – Teatro e os povos indígenas. Um evento que teve a sua primeira edição realizada em 2018 e a segunda agendada para 2020, mas não foi realizado por causa da pandemia de COVID-19 que atingiu todo o planeta. O TePI tem o objetivo de trazer o protagonismo das produções dos artistas indígenas que expressam os seus trabalhos por meio dos seus corpos no espaço. Além disso, é uma mostra artística que busca dialogar com criações que têm como base o entendimento de que não existe humanos separados da natureza. Mas que todos somos integrados à natureza e o planeta é o local da sobrevivência coletiva de todas as existências: humana e não humana, como animais, plantas, montanhas, bactérias etc. Um aprofundamento sobre a noção de que somos apenas uma espécie e que juntos temos responsabilidade sobre a sobrevivência da Terra. Para a nossa concepção, seria esse um pensamento que precisa alcançar todos os campos do conhecimento, estar em todos os lugares, inclusive na arte.

Foi assim que cunhamos a noção de “fazermos juntos porque decidimos fazer”, o que carregou para as criações a necessidade de unirmos artistas indígenas e não indígenas em um movimento comum. Portanto, foi nesse contexto de pensamentos e realizações, que chegou a idealização do *O Silêncio do Mundo* enquanto um experimento cênico a ser feito no palco e para um público não indígena, onde Davi Kopenawa, Ailton Krenak e eu pudéssemos propor ações que emanassem esteticamente e politicamente a percepção de uma vida conectada com tudo o que existe no mundo e que é natureza.

Da minha parte estava claro que fazer esse experimento era algo muito coerente, porque desde quando eu morei nos anos 2001 à 2005 com o povo Kamayura – que é um povo falante da língua Kamayura, habitante do Parque Indígena do Xingu que se localiza no centro-oeste brasileiro, no estado do Mato Grosso – até os dias de hoje, busquei nas várias práticas que exerci como artista relacionar a minha experiência atravessada pela existência indígena e criar ações em conjunto a partir de uma vivência aprofundada. Isto significa que não estou interessada em apenas uma pesquisa momentânea, que muitas vezes corre o risco de gerar apropriação de aspectos das culturas específicas dentro das criações artísticas

não indígenas. Mas faz parte de um propósito maior, onde busco em um tempo dilatado realizar trabalhos artísticos que valorizem o encontro entre alteridades, a diversidade humana, em um ativismo contra todo tipo de violência gerada no processo colonial. Fora que seria uma honra estar criando um espetáculo ao lado desses líderes indígenas que são pessoas que vêm transformando o meu ser.

Também, a proposta carregava um viés político de visibilidade dos povos indígenas no mercado dos festivais nacional e internacional, assim como das instituições culturais, onde só recentemente começa uma presença maior da arte indígena contemporânea. Ainda existe pouco reconhecimento da produção performática indígena atravessando o teatro no Brasil e, algumas vezes, os convites são feitos para indígenas fazerem participações pontuais em trabalhos que têm assinaturas não indígenas. Então, *O Silêncio do Mundo* também trazia a intenção de chamar atenção para o povo originário e as discussões que envolvem as suas vidas no campo das artes cênicas, como realizar uma cena que buscava horizontalidade no processo criativo e o compartilhamento da autoria.

Tanto Krenak como Kopenawa já participaram de outras experiências artísticas, na produção de filmes, álbuns musicais, em festivais, programa de rádio, exposições e assistiram espetáculos. Os dois aceitaram a proposta mostrando uma disponibilidade de estar junto e inventar ações no campo da arte. Como a agenda de ambos é muito cheia de compromissos, construí um projeto cênico que propunha uma equipe técnica criativa e a realização de três experimentos a serem feitos em diferentes momentos, cada qual com a duração de uma semana de encontro e apresentação do resultado. Mas também sabendo das condições de venda, ou seja, que a realização de um espetáculo como este envolve despesas consideráveis, ainda mais envolvendo dois grandes líderes indígenas e uma logística difícil. Mesmo assim estávamos acreditando na realização.

Ainda naquele período mencionado em que Ailton estava em São Paulo, fomos até a Pinacoteca que é o museu de arte mais antigo da cidade, para visitar o artista plástico Ernesto Neto que estava montando a exposição “Sopro”. Caminhamos juntos até o parque que fica ao lado do museu, sentamos nas raízes exposta de uma árvore e ficamos os três conversando sobre a realização do *O Silêncio do Mundo*. Instigado por Krenak, Neto aceitou construir uma obra artística a ser instalada sobre nossas cabeças no palco, dando a leitura de um céu e lançando luz sobre o monumental livro “A queda do Céu, palavras de um xamã Yanomami”

de Davi Kopenawa e o antropólogo francês Bruce Albert. Nesse encontro, Ailton Krenak foi expondo o seu pensamento sobre o trabalho, assim como reforçou posteriormente a mesma ideia em uma mensagem escrita:

“Seria a ação de fazermos o “corpo de mulher branca” desaparecer em cena, com entrada do elemento MUNDO, que dilui a divisão estabilizada entre humano e não humano, extinguindo a noção de gênero e raça posta como termo das relações interpessoais. Um exercício de desconstrução do discurso antropocêntrico que estabiliza o corpo humano como medida das coisas e define gênero e raça, selvagem e civilização, índio e branco (KRENAK, Ailton. *Conversa sobre O silêncio do Mundo*. Whatsapp. Pessoa. 2020).”

A ideia de tirar o corpo humano do centro do mundo foi o pensamento fundante da criação. Desse modo, fomos aprofundando e dialogando sobre o alerta do planeta sendo silenciado pela morte das diversas existências que o habitam. O que significa que a humanidade enquanto mais uma espécie também pode ser silenciada. Mas como Ailton Krenak explicou durante o processo criativo: “o ser humano pode até acabar, mas a natureza sempre vai ter a potência de criar outras formas de continuidade.” Assim que pensamos realizar a nossa cena como uma maneira de invocar a presença das comunidades de não humanos, provocando as pessoas para se conectarem novamente com esse organismo que é a Terra e sair da abstração civilizatória que nega a pluralidade das formas de vida (KRENAK, 2020, p 82). Estávamos sugerindo construir esse caminho pela experiência do nosso encontro, no processo de criação e como se dá na educação indígena, por meio das conversas, vivência, na repetição, na observação.

Conseguimos a aprovação do primeiro experimento cênico no Festival Porto Alegre Em Cena no ano de 2019. Até ali estávamos todos confirmados, mas no último momento, infelizmente Davi não pode ir, pois seu sogro havia acabado de falecer e ele teve que submeter-se a um longo período de reclusão e atividades que envolvem o luto do seu povo. Krenak e eu tomamos a decisão de ir para o POA Em Cena, mas a ausência de Kopenawa foi sentida. Para elevarmos a presença deste ser tão importante, tomamos a decisão de trazer para a cena fragmentos que atravessam a nossa convivência com Davi, tal como, começar o experimento lendo para o público um parágrafo do livro “A queda do céu”, onde Kopenawa mostra a importância do sogro na sua formação como xamã (KOPENAWA, ALBERT. 2015, p. 329).

No primeiro dia da imersão ficamos mais de oito

¹ No dia 5 de novembro de 2015 aconteceu o rompimento da Barragem de rejeitos de mineração denominada “Fundão”, no subdistrito de Bento Rodrigues, a 35km do centro do município de Mariana, no estado de Minas Gerais, Brasil. A Barragem era controlada pela Samarco Mineração S. A., empreendimento conjunto das maiores empresas de mineração do mundo, a brasileira Vale S. A e a anglo-australiana BHP Billiton. Para saber mais ver: KRENAK, A. Se não fosse a persistência, já tínhamos acabado. In *Povos Indígenas no Brasil 2011-2016*. p 156-165. São Paulo: Ita, 2017.

² Para saber mais ver: SESC POMPEIA. Teatro e os povos indígenas: Pensamentos sobre a criação como possibilidade para a vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FrrAG6VTKk4>. Acesso em 26 de fevereiro de 2021.

³ Para saber mais ver: PINACOTECA. Ernesto Neto: Sopro. Disponível em: <https://www.artequaeacontece.com.br/ernesto-neto-sopro/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

horas conversando e elucubrando o sentido que seria emanado ao público, quando tomamos a decisão de trabalhar sobre a noção do tempo do mito desenvolvida por Ailton Krenak (2018, p 4). Um conceito que traz a compreensão do mito enquanto um espaço ancestral, onde todas as existências têm consciência de integrarem uma mesma comunidade. É uma dimensão que se abre em uma lacuna onde tudo é possível, quando a vida começa a ser criada e transformada a todo momento. Assim que as relações entre os não humanos e os humanos vai acontecendo, emergindo no cotidiano, no ritual, enfrentando os perigos e fazendo alianças. Isso se dá, por exemplo, no momento em que as cobras passam a comunicar com as pessoas, as onças casam com mulheres, os sapos rezam dentro de aldeias ameaçadoras, os homens viram pássaros para namorar com as fêmeas, as mulheres se apaixonam por belos jacarés que depois viram árvores, os rios são criados com suas curvas, as montanhas comunicam com comunidades, as tempestades fogem ao controle, o céu é apoiado por pilares trazendo risco e equilíbrio para o planeta⁴.

Penso que é relevante dizer que Ailton Krenak não traz essa concepção como algo findado. O que ele vem afirmando faz parte de uma memória viva que constitui um ambiente que é visitado a todo momento, enquanto referência de identidade, de local e do saber indígena. O que circunscreve que os povos originários vivem a ancestralidade, trazendo o seu conhecimento coletivo em uma dinâmica no presente e assim vão firmando o fundamento para o futuro. O ponto de vista desse movimento vivo, aqui e agora, revela que os indígenas continuam integrados à natureza e não fazem um distanciamento entre o corpo-homem e o corpo-mundo.

A partir desse entendimento que demos início a cena, na qual o líder Krenak foi enunciando para o público o tempo do mito, enquanto o meu corpo ia sendo difundido na imagem de uma comunidade de caranguejos. Ali, buscamos levantar o sentido de que não há separação entre a pessoa branca, mulher, o índio, o homem, o caranguejo, mas que tudo se compõe em um só movimento. Na continuidade, trouxemos a memória de quando morei com o povo Kamayura, em uma tentativa de mostrar a realidade do tempo do mito naquela comunidade. Abrangendo para a reflexão pontuada por Krenak, que não importa se o mito é real ou ficção. Mas que o interessante é perceber que aquele é um espaço da incerteza, em que não há expectativa de um futuro seguro ou de uma vida programada que tenta desesperadamente adiar a morte. Como se pode ler na dramaturgia do espetáculo, Ailton Krenak fala para o público que não há uma garantia de duração, mas uma dimensão mágica

que abre uma janela para atravessarmos e sair no mundo, interagir e se realizar.

O Silêncio do mundo enquanto uma experiência ao lado de Krenak, me fez pensar sobre a conexão entre mundos que podemos construir por meio da criação. Foi interessante notar que, ao mesmo tempo em que falávamos sobre o mito abrindo para a possibilidade e invenção, nós estávamos em um processo imaginando um novo lugar. A cena emergiu como um espaço de suspensão, quando começamos a cruzar pensamentos indígenas com as visualidades, sonoridades e memórias. Em uma construção que foi apresentando para o público outras formas de estar, outros sentidos. Assim fomos entrando com a nossa presença na lacuna do tempo do mito, no momento em que nos dispomos a cantar e dançar para suspender o céu e não aceitar qualquer ideia de fim. Ainda impulsionamos esse movimento, quando trouxemos a jovem Greta Thunberg⁵ como uma potência de quem acredita na transformação, como alguém que inspirou uma manifestação contra a mudança climática e ascendeu um movimento mundial. Ou quando mostramos Ailton Krenak na década de 80, que personificou o luto dos povos indígenas pintando o seu rosto de preto em frente aos vários parlamentares, marcando o seu gesto na história da formação da Constituição Brasileira⁶. E novamente, no momento em que instituímos a pausa por meio da escuta, da visão, do tato, quando que deitados e parados em uma luz transversal, ouvimos a chuva caindo e ficamos ali, apenas sentindo.

O fechamento do experimento cênico se deu no instante em que assumimos que mesmo mediante a tanta destruição do mundo e arrogância do antropocentrismo perante a natureza, ainda existem pessoas que fazem uma mediação com o planeta. Aqueles que são reconhecidos como os sub-humanos, esta categoria de gente que se mantém agarrado na Terra e, assim, vão ficando meio esquecidos nas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes (KRENAK, 2020, p 82). Foi desta maneira que Ailton Krenak foi invocando novamente Davi Kopenawa, chamando para a cena o trovão e a chuva, tal como a presença da serra que abraça o Rio Doce, a montanha Takrukak que é um ente sagrado para seu povo:

“Aprendi que aquela serra tem nome, Takrukak, e personalidade. De manhã, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada,

o pessoal fala: “pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser (KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p 18)

Fazendo juntos porque desejamos fazer, fomos impulsionados em uma criação que trouxe consigo a tentativa de nos libertar das amarras tradicionalistas sobre o que é arte, apresentando um resultado feito em poucos dias no formato de uma palestra-performance. O que aconteceu também pela pujança do conjunto de pessoas envolvidas do festival. A apresentação aconteceu no palco do principal teatro da cidade, o centenário Theatro São Pedro que teve sua capacidade de 700 pessoas esgotada por um público de jovens a idosos, universitários de diversos cursos, professores de áreas diferentes, artistas, jornalistas, representantes dos povos Kaikang e Guarani, e espectadores curiosos pelo o que aconteceria naquele palco tradicional. Após a apresentação, recebemos um carinho grande do público e diferentes matérias jornalísticas, tal como, fomos mencionados pelo crítico teatral Antônio Hohlfeldt em seu espaço no Jornal do Comércio:

“Mas como explicar um espetáculo tão profundamente emocionante e criativo quanto O silêncio do mundo, segundo a concepção de Andreia Duarte e de Ailton Krenak? Foi o momento máximo do festival, neste ano, aquela quinta-feira à noite. Aquela rede artesanal estendida por sobre a cabeça dos intérpretes, a simplicidade de Ailton e a dedicação de Andreia emocionaram a todos que ali estivemos. Efetivamente, foi como se, naquela noite, estivéssemos todos reunidos em torno do fogo original, a ouvir o ruído do passado que o silêncio do presente pretende destruir (HOHLFELDT, Antônio. POA em cena: muitos acertos e alguns equívocos. Jornal do Comércio. Caderno de Artes Cênicas. 27, 28, 29 de setembro de 2019).”

Finalmente, nós tínhamos consciência que estávamos provocando a fusão de referências reais e ficcionais, igualmente de diferentes linguagens, como palestra, vídeos e performance. Também sabíamos que incidia uma efemeridade em tudo o que estava ocorrendo, até mesmo na própria incerteza de criar um resultado cênico em uma semana. O Silêncio do mundo foi um acontecimento único. O festival, por problemas técnicos, não conseguiu realizar a gravação em vídeo. Os únicos registros que ficaram do processo são os do meu caderno de anotações, o material da cena, jornalístico, da memória e, mais recentemente, Krenak e eu nos dispomos a reconstruir a dramaturgia. De qualquer forma tem sido muito interessante perceber como esse é um trabalho que tem voltado por ele mesmo. Hora ou outra sempre tem alguém perguntando, buscando

informações, querendo saber um pouco mais. Acho que, de certa forma, O silêncio do mundo criou uma vida por si mesmo, que marcou os nossos corpos e que ainda impulsiona: quem sabe iremos fazê-lo novamente, em outro formato, em outro momento?

FICHA TÉCNICA O SILÊNCIO DO MUNDO

criação e dramaturgia
Ailton Krenak e Andreia Duarte

provação cênica
Jezebel de Karli

vídeo e luz
Isabel Ramil

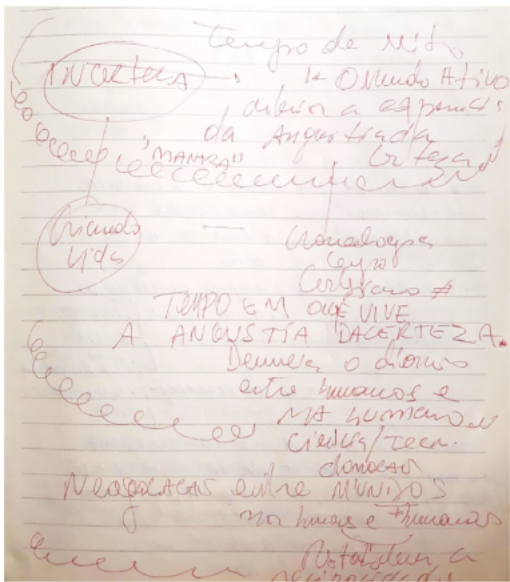
criação sonora
Felipe Zancarano

colaboração criativa
Fernando Zugno

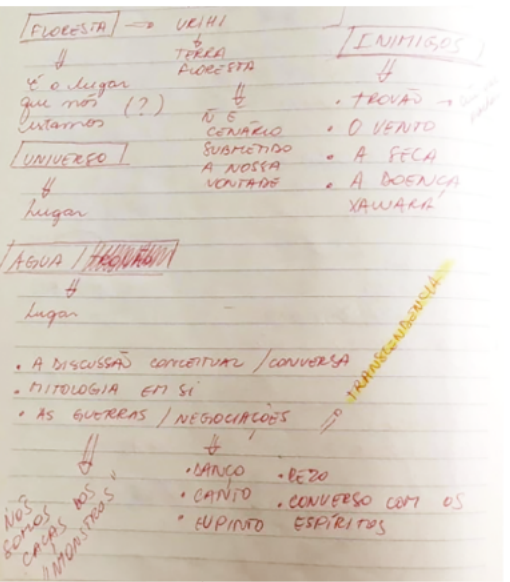
criação e instalação do céu
Ernesto Neto

realização
Outra Margem
Festival Porto Alegre Em Cena

apoio



ANOTAÇÕES DE AILTON KRENAK SOBRE O TEMPO DO MITO - PROCESSO CRIATIVO NO PORTO ALEGRE EM CENA - SETEMBRO 2019



ANOTAÇÕES DE ANDREIA DUARTE SOBRE A DRAMATURGIA - PROCESSO CRIATIVO NO PORTO ALEGRE EM CENA - SETEMBRO 2019

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA DRAMATURGIA E TEXTO REFLEXIVO

CARTA_CAPITAL. *Se o bicho avançar, vamos encerrar de pé, diz Ailton Krenak*. Depoimento realizado em 10 de abril de 2015 (p 3). São Paulo: Site <https://www.cartacapital.com.br>. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/201cse-o-bicho-avancar-vamos-encerrar-de-pe201d-diz-ailton-krenak-1118/>>. Acesso em 05 nov 2019.

FIGUEIREDO, Andreia Duarte. *Indigenous Peoples and the Theater: a possibility of reinventing life*. REVISTA, Harvard Review of Latin American. Disponível em: <https://revista.drclas.harvard.edu/indigenous-peoples-and-the-theater/>. Acesso 26 de fevereiro de 2021.

HOHLFELDT, Antônio. *POA em cena: muitos acertos e alguns equívocos*. Jornal do Comércio. Caderno de Artes Cênicas. 27, 28, 29 de setembro de 2019.

ÍNDIO CIDADÃO. *Fragmento do discurso de Ailton Krenak na Constituinte*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kWMHlwdbM_Q. Acessado em 26 de fevereiro de 2021.

KAMAYURA, Tacumã. Kanutary. *Moroneta Kamayura: histórias Kamayura*. Organização Andreia Duarte. Belo Horizonte: Literaterras; FALE/UFMG, 2013.

KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Conversa sobre O silêncio do Mundo*. Whatsapp. Pessoal. 15/02/2020.

KRENAK, A. *Ailton Krenak - A potência do sujeito coletivo - Parte II*. Rio de Janeiro 2018b: [www.revistaperiferias.org](http://revistaperiferias.org). Disponível em <<http://revistaperiferias.org/materia/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/>>. Acesso em 07 set 2019.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. *Se não fosse a persistência, já tínhamos acabado*. In Povos Indígenas no Brasil 2011-2016, p 156-165. São Paulo: Isa, 2017.

KRENAK, A. *As alianças afetivas*. Entrevistador Pedro Cesarino. In: BIENAL SÃO PAULO. Incerteza Viva. Dias de estudo. p. 169-188. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. Disponível em <https://www.academia.edu/37323976/As_alian%C3%A7as_afetivas_-_entrevista_com_Ailton_Krenak_por_Pedro_Cesarino>. Acesso em 07 jan 2020.

KRENAK, A.; COELHO, M. A. T. *Genocídio e resgate dos "Botocudo"*. Entrevista COELHO, M. A. T. Revistas Usp, Estudos Avançados 65. n. 23, 2009 (p 202, 203). São Paulo: Universidade de São Paulo. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10447/12175>>. Acesso em 15 set 2019.

KRENAK, A.; NOVAES, A. O. *Antes o mundo não existia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Disponível em <<https://docplayer.com.br/12411274-Antes-o-mundo-nao-existia-ailton-krenak.html>>. Acesso em 05 set 2019.

MUSEU DA PESSOA. Ailton Krenak, depoimento Rio de Memórias. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/em-contato-com-a-memoria-44619>. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

SESC POMPEIA. *Teatro e os povos indígenas: Pensamentos sobre a criação como possibilidade para a vida*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FrrAG6VTKk4>. 2020. Acesso em 26 de fevereiro de 2021.

PINACOTECA. *Ernesto Neto: Sopro*. Disponível em: <https://www.artequacontece.com.br/ernesto-neto-sopro/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

WIKIPÉDIA. *Sobre Greta Thunberg*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Greta_Thunberghttps://news.un.org/pt/story/2019/09/1688042. Acessado em 26 de fevereiro de 2021.

⁴ Sobre o assunto trago as referências dos livros: KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi, 2015. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo, 2019. KAMAYURA, Tacumã, Kanutary, 2013. ⁵ WIKIPÉDIA. Sobre Greta Thunberg. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Greta_Thunberghttps://news.un.org/pt/story/2019/09/1688042. Acessado em 26 de fevereiro de 2021. ⁶ ÍNDIO CIDADÃO. Fragmento do discurso de Ailton Krenak na Constituinte. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kWMHlwdbM_Q. Acessado em 26 de fevereiro de 2021.